

Um crime imperdoável: como o estupro é visto pelo budismo quando praticado contra monjas.

An unforgivable crime:
How rape is viewed by Buddhism when committed against
nuns

Nirvana França¹
Magda Loureiro Motta Chinaglia²

Resumo: Este artigo explora a gravidade do crime de estupro dentro do budismo, comparando-o com outras ações de retribuição imediata, como matricídio e parricídio. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, analisa textos budistas e védicos, incluindo o Vinayasutta e o Manusmṛti, para contextualizar a visão budista sobre a violência sexual e a exclusão monástica de perpetradores. Os resultados indicam que o budismo trata o estupro com extrema seriedade, equiparando-o a transgressões que resultam em consequências severas, como a exclusão definitiva do caminho monástico. Essa postura sublinha o compromisso do budismo com a proteção e a dignidade das mulheres, promovendo uma revolução nos direitos das mulheres dentro da comunidade monástica e destacando a incompatibilidade da violência sexual com os preceitos budistas.

Palavras-chave: Monasticismo Budista; Retribuição Imediata; Violência Sexual; Direitos das Mulheres; Vinayasutta

Abstract: This article explores the seriousness of the crime of rape in Buddhism, comparing it to other actions of immediate retribution, such as

Recebido em 24 de maio de 20bb

¹ Doutora e Mestra em Ciências da Religião pela UMESp - Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Teologia no Instituto Pramana. Monja na Associação Buddha-Dharma em Valinhos-SP. E-mail: nirvanafranca@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2964978104735339>

² Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP. Professora do Instituto Pramāṇa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9548035700452635>

matricide and patricide. Using a bibliographical and documentary research, the study analyses Buddhist and Vedic texts, including the Vinayasutta and the Manusmṛti, to provide context to the Buddhist perspective on sexual violence and the exclusion of perpetrators from the monastic community. The findings indicate that Buddhism views rape with utmost seriousness, equating it with transgressions that result in severe consequences, such as permanent exclusion from the monastic path. This stance underscores Buddhism's commitment to protecting and upholding the dignity of women, promoting a transformation in women's rights within the monastic community and highlighting the incompatibility of sexual violence with Buddhist precepts.

Keywords: Buddhist Monasticism; Immediate Retribution; Sexual Violence; Women's Rights; Vinayasutta

Introdução

O estudo da violência sexual e suas implicações sociais e jurídicas revela a complexa dinâmica de poder e controle que perpetua a subordinação das mulheres. Desde a infância, as mulheres são ensinadas a se proteger de ataques sexuais, com instruções detalhadas sobre como se vestir, comportar e quais locais e horários são seguros para frequentar. Embora vistas como formas de prevenir o estupro, essas orientações transferem a responsabilidade pela violência para as vítimas, em vez de focar na educação dos homens para não violentar. O potencial constante de vitimização é uma ferramenta do patriarcado para controlar os corpos das mulheres, reforçada por normas culturais que favorecem a interação desigual entre os gêneros, onde o homem é visto como o provedor ativo e a mulher como passiva e sem agência³. Esse desequilíbrio de poder é evidente em contextos históricos, como na história da monja Tisya, onde a aceitação de esmolas foi erroneamente interpretada como consentimento implícito para avanços sexuais, ilustrando a contínua luta das mulheres contra a opressão sexual.

Para entender a abordagem budista sobre o estupro, é necessário considerar as ações de retribuição imediata, que são transgressões graves com consequências severas na vida presente e futura. No budismo, a Lei do *Karma* substitui a noção de pecado imposta por uma deidade, reconhecendo que todas as ações têm consequências inevitáveis. Certas ações, como matricídio e parricídio,

³ BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-125.

resultam em retribuição imediata, levando ao renascimento direto nos infernos⁴. A equiparação do estupro de uma monja a esse conjunto de transgressões demonstra a seriedade com que o budismo trata essa violação. Ao igualar o estupro a crimes hediondos, o budismo sublinha sua incompatibilidade com o caminho espiritual e a ética budista, resultando em exclusão definitiva do monasticismo. Essa abordagem reflete o compromisso do budismo com a proteção e dignidade de todos os seres, especialmente das mulheres, sublinhando a necessidade de uma comunidade monástica livre de violência e opressão.

Desta forma começaremos dialogando a respeito do estupro como uma arma de dominação das mulheres, conheceremos em seguida o que são as ações de retribuição imediata para podermos, enfim, dialogar a respeito do processo de ressignificação desse crime pelo budismo.

1. O estupro como arma de dominação das mulheres

Desde a infância, as mulheres são ensinadas que são vulneráveis a ataques sexuais e são orientadas a se proteger, sendo instruídas sobre como escolher suas roupas, como se comportar em público e quais locais e horários são seguros para frequentar, muitas vezes necessitando da companhia masculina para aumentar sua segurança. Essas medidas são vistas como formas de prevenir o estupro. A responsabilidade pela violência é atribuída à vítima, com a expectativa de que a mulher não provoque ou insinue, enquanto os homens não são ensinados a não violentar. Esse potencial constante de vitimização é uma arma do patriarcado para controlar os corpos das mulheres e sua posição na sociedade.

A sexualidade, profundamente influenciada pelo contexto histórico e cultural, é moldada por normas de gênero, onde o homem é visto como o provedor ativo e a mulher como passiva e desprovida de agência, perpetuando estereótipos de gênero e uma divisão desigual de poder⁵. Esse padrão é evidente em diversos contextos, incluindo os textos budistas, como no *Vinayasutta*, que relata, por exemplo, a história da monja Tisyā. Ela pedia esmolas a um comerciante específico, que mesmo em tempos de escassez continuava a fornecer alimentos, mas esperava uma retribuição por

⁴ BUSWELL, Robert E.; LOPEZ, Donald S. *The Princeton Dictionary of Buddhism*. Princeton: Princeton University Press, 2014, p.41

⁵ BUTLER, 2000, p. 120.

sua generosidade, ilustrando como o papel de provedor pode ser usado para exigir favores sexuais. Em um trecho do relato, é dito:

Certo dia, quando chegou a hora, a bhikṣuṇī Tisyā novamente vestiu sua túnica, pegou a tigela de esmolas e foi até a casa do comerciante. De longe, o homem viu que a bhikṣuṇī se aproximava e disse a si mesmo: 'O modo como sempre dou comida a essa bhikṣuṇī, se eu calcular o preço dela, são certamente quinhentas moedas de ouro. Isso é o suficiente para merecer uma mulher.' Então, ele agarrou a bhikṣuṇī pela frente e quis se entregar à relação sexual^{6,7}.

Assim, vemos que o comerciante se sente no direito de possuir a mulher porque ele provê o sustento dela. Inclusive, o relato continua. Ela grita por socorro. A população vem ver o ocorrido. Ele se defende usando o argumento das quinhentas moedas de ouro. A população responde criticando a monja, indagando que, se ela não desejava nada com o comerciante, por que aceitou as esmolas de alimento dele? Desta forma fica evidente que tanto ele, o agressor, quanto a sociedade que o cerca entendiam que o fato de ela receber os alimentos do comerciante lhe conferia o direito sobre ela, uma vez que quem era recriminada pela conduta era a vítima.

Para entender como a sociedade do tempo do Buda normatizava a violência sexual, é necessário considerar as Leis de Manu (*Manusmṛti*), que ainda influenciam a Índia contemporânea. Esse código regulamentava a organização social, as divisões de castas, as obrigações e direitos de cada pessoa e estabelecia as punições para infrações. Na tradução de G. Buhler (1886), o termo "estupro" não aparece, mas o código aborda ofensas sexuais contra mulheres casadas e donzelas, além de sexo ilícito. Sobre adultério, o *Manusmṛti* estabelece que homens não-brâmanes devem ser condenados à morte por adultério, enquanto mendigos, cantores e outros são permitidos a

⁶ HEIRMAN, Ann. Rules for Nuns According to the Dharmaguptakavinaya. Delhi: Motilal Banarsidass, 2002, p.350.

⁷ Another day, when the time had come, the bhikṣuṇī Tisyā again put on her robe, took the alms bowl and went to the house of the merchant. From far away, this man saw that the bhikṣuṇī was coming and he said to himself: "The way in which I always give food to that bhikṣuṇī, if I calculate the price of it, it is certainly five hundred gold coins. This is enough to deserve a woman." He then grabbed the bhikṣuṇī in the front and he wanted to indulge in sexual intercourse.

falar com mulheres casadas, com penalidades diferenciadas para conversas proibidas⁸.

Em relação aos crimes contra donzelas, o *Manusmṛti* prescreve punição corporal imediata para homens que violentam jovens contra sua vontade, mas relações consensuais entre pessoas da mesma casta não resultam em punição corporal. Mulheres que se insinuem para homens de castas superiores não são multadas, mas aquelas que se aproximam de homens de castas inferiores são confinadas. Homens de castas inferiores que cortejam jovens de castas superiores sofrem punição corporal, enquanto os que cortejam jovens de castas iguais devem pagar o dote nupcial, se assim desejado pelo pai da jovem. A violação forçada de uma jovem resulta na amputação de dois dedos e multa de seiscentas moedas de prata, enquanto desonrar consensualmente uma jovem da mesma casta resulta em uma multa de duzentas moedas de prata⁹. O sexo ilícito é considerado um pecado mortal, equiparado a violar a cama de um Guru, e inclui sexo com a mãe, irmãs, mulheres menstruadas e atos considerados bestiais¹⁰.

Relacionando o excerto do *Vinayasutta* com a prescrição do *Manusmṛti*, consideramos a monja uma asceta feminina, e o contato com ela teria um valor de multa muito inferior ao gasto pelo comerciante com a alimentação dela. Por esses parâmetros, entende-se que ela, ao aceitar a comida recorrentemente, estaria consentindo com ele. Em outra passagem, o *Vinaya* descreve o caso de duas monjas que foram estupradas ao atravessar um rio. Por estarem desprotegidas, o barqueiro rogou-se a esse direito.

Em uma ocasião, duas monjas estavam viajando de Sāketa para Sāvattthī. No caminho, elas precisaram atravessar um rio. Elas foram até um barqueiro e disseram, ‘Por favor, nos leve para o outro lado.’

‘Veneráveis, não consigo levar ambas ao mesmo tempo.’ Então, elas atravessaram individualmente, sozinhas com o barqueiro. Quando ele atravessou com a primeira monja, ele a violentou. E após retornar à margem inicial, ele violentou a outra monja também. Mais tarde, quando se

⁸ *MANUSMRITI*. Tradução George Buhler. Sacred Books of The East. Palitext Society, 1886. P. 141. Disponível em: <https://dokumen.pub/qdownload/manusmriti-the-laws-of-manu-english.html>. Acesso em: 10/04/2024.

⁹ *MANUSMRITI*, 1886, p. 141.

¹⁰ *MANUSMRITI*, 1886, p. 222.

reencontraram, elas se perguntaram uma à outra,
'Venerável, espero que você não tenha sido
agredida?'
'Fui. E você, Venerável, foi agredida?'^{11,12}

Este é um retrato da realidade enfrentada pelas mulheres na Índia no tempo do Buda. O barqueiro, ao perceber a mulher em uma situação de vulnerabilidade, utilizou o momento para abusar dela. Vários dispositivos no *vinaya* visam proteger as monjas destas situações. No caso do relato apresentado anteriormente, o Buda estabeleceu um preceito de que as monjas não podem cruzar o rio sozinhas. O Buda não podia intervir nas leis locais; então, ele não podia punir os homens e ensinar a não estuprar. Ainda assim ele tentou, visto que evitar a má conduta sexual, que é estuprar, é ensinado como um dos pilares básicos das ações de um budista. Entretanto, a sociedade védica possuía outras normas então era preciso ensinar as monjas como se protegerem para não serem estupradas.

Ao se analisar a questão do estupro, é essencial considerar as interpretações sociais e jurídicas do consentimento, que é a reversão de uma suposição básica de não acesso ao corpo ou propriedade de alguém sem permissão. Em contextos sexuais, o estupro é definido pela falta de consentimento, historicamente interpretado de forma ampla, muitas vezes assumido como presente na ausência de resistência. Críticas feministas apontam que essa abordagem pode levar a considerar mulheres inconscientes como consentindo, e fatores como aparência, vestimenta e passado sexual são erroneamente vistos como indicativos de consentimento, um ponto

¹¹ *EKAGĀMANTARA*. Tradução Bhikkhu Brahmalī. SuttaCentral, 2021. Disponível em: <https://suttacentral.net/pli-tv-bi-vb-ss3/en/brahmalī?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em: 10/04/2024.

¹² On one occasion two nuns were traveling from Sāketa to Sāvattthī. On the way they had to cross a river. They went to a boatman and said, "Please take us across." / "I'm not able, Venerables, to take both of you across at the same time." And so they crossed individually, alone with the boatman. When he had crossed with the first nun, he raped her. And after returning to the first bank, he raped the other nun as well. Later, when they were reunited, they asked each other, "Venerable, I hope you weren't assaulted?" / "I was. And you, Venerable, were you assaulted?"

desafiado por movimentos feministas¹³. Casos envolvendo monjas, que aceitavam esmolas ou precisavam atravessar rios, eram vistos como comportamentos justificando os agressores e minimizando sua culpa, refletindo nas Leis de Manu (*Manusmṛiti*), que reduziam as penalidades com base nesses fatores. A violação é amplamente reconhecida como um crime de gênero, com 91% das vítimas sendo mulheres e quase 99% dos perpetradores sendo homens, afetando não apenas vítimas individuais, mas perpetuando a violência de gênero contra todas as mulheres. O estupro não é visto como uma anomalia, mas como um fenômeno que reforça normas culturais sobre gênero e sexualidade, sustentando a subordinação das mulheres e a ideia de que os homens têm um direito inerente ao acesso sexual, com as mulheres sendo tratadas como objetos ou propriedades sexuais¹⁴.

Assim, a mulher, individual ou coletivamente, não podem ir e vir livremente; também não podem tomar nenhuma atitude que as coloque numa posição que pode ser interpretada como um consentimento tácito. Nos casos citados, as mulheres estavam vestidas como monjas budistas, com suas cabeças raspadas, sem adornos ou maquiagem, mas, mesmo assim, os homens se rogarão ao direito de as tomar para si. Esta posição de iminente risco norteia parte dos preceitos do *vinaya*, pois o Buda tentou proteger as mulheres de sua comunidade daqueles ataques.

Para possibilitar a análise de como o Buda ressignificou o crime de estupro dentro de sua comunidade, faz-se necessário compreender o que são as ações de retribuição imediatas e então teremos as ferramentas para discutir como esta violência foi elevada a outro patamar, promovendo uma revolução nos direitos das mulheres monásticas.

2. As ações de retribuição imediata no budismo

Não existe uma noção de pecado dentro do budismo, pois não há uma deidade que estabelece normas que devam ser seguidas e que, quando não são, acarretam punições, em especial em sua próxima vida condenando a condições miseráveis de existência, que conhecemos como inferno. Isso não significa que as ações não tenham consequências, em uma relação de causa e efeito, conhecida como Lei

¹³ WHISNANT, Rebecca. *Feminist Perspectives on Rape*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford, 2009, s.p. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-rape/>. Acesso em: 10/04/2024

¹⁴ WHISNANT, 2009, s.p.

do *Karma*, que é muitas vezes entendida de forma superficial se assemelhando à física newtoniana de ação e reação. Isso seria similar a pensar que se eu roubei algo de alguém, nesta vida ou em uma futura eu terei algo roubado porque eu criei tal *karma*.

Esta noção está distante dos parâmetros estabelecidos pelas tradições budistas predominantes. *Karma* é mais bem traduzido como ação. Assim, o *karma* estabelece tendências, que são uma gama de possibilidades que podem ou não produzir frutos. Recorrentemente utiliza-se a analogia a uma semente. O *karma* seria como uma semente e, como tal, ela precisa encontrar causas e condições para se desenvolver. No caso da semente ela precisa de um solo adequado, água e luz do sol e, quando encontra essas condições, ela então se desenvolve e produz frutos. Uma semente comprometida ou fraca, precisa de melhores condições, ao passo que uma semente vigorosa irá brotar com facilidade¹⁵.

Não há um prazo para quando uma semente possa germinar, ela pode ficar dormente por anos, e muitas vidas. Daí que se diz que *karma* é um assunto muito complexo. Além disso, o exemplo da semente é meramente didático, uma vez que, na formação real das consequências das ações, uma ou várias ações corroboram para o resultado final, cada uma podendo ter ocorrido em uma vida distinta. Outra questão é que as consequências são harmônicas com as suas causas. Voltando ao exemplo de sementes, da mesma forma que de uma semente de feijão não nasce um pé de tomates, ações virtuosas irão produzir felicidade e ações não virtuosas, infelicidade¹⁶.

Ocorre que algumas ações são consideradas tão intensas que elas irão produzir seus efeitos na vida imediatamente seguinte. Estas ações são consideradas de retribuição imediata. O termo *ações de retribuição imediata* (skt; *ānantaryakarman*; P. *ānantariyakamma*; T. *mtshams med pa'i las*; མཚན་མེད་པའི་ལས་; C. wújiàn yè; 無間業) refere-se a ações “particularmente hediondas que, após a morte, resultam na ‘retribuição imediata’ de renascimento no inferno *Avīci*, sem um renascimento intermediário em outro reino”¹⁷.

¹⁵ FRANÇA, Nirvana. *Sofrimento, origem, cessação e caminho*: uma análise do dhammacakkapavatanasutta. Valinhos. Associação Buddha-Dharma. 2024, p.127.

¹⁶ TSONGKHAPA, Lobsang Drakpa. *Lamrim Chenmo Vol. II*. Tradução Plínio Marcos Tsai. Valinhos: BUDA, 2020, p. 226.

¹⁷ BUSWELL, Jr.; LOPEZ Jr., 2014, p.41

Na cosmografia budista há um elaborado sistema de infernos, que são os locais mais inferiores de renascimento no *samsāra*¹⁸. Os textos descrevem com detalhes os tormentos a que são submetidos os seres que ali renascem. Os infernos consistem em oito infernos quentes, oito frios e quatro infernos secundários. Dos oito infernos quentes, o mais terrível é o Inferno Sem Alívio (*Avīci*), onde renascem os seres que praticaram as ações negativas mais graves, incluindo as cinco ações de retribuição imediata^{17,19}. Lama Tsongkhapa, na sua obra *Lamrim Chenmo*, explica sobre os sofrimentos experienciados pelos seres que renascem nos grandes infernos com resultado da acumulação de karma não virtuoso.

De acordo com o mestre indiano budista Vasubandhu, as ações de retribuição imediata, ou imediatamente sucessiva, recebem essa denominação porque referem-se a ações que “não são amadurecidas nem nesta vida, nem numa vida subsequente, mas apenas na próxima vida” e que amadurecem apenas nos reinos infernais, e não em outro plano de existência²⁰.

As cinco ações de retribuição imediata são ensinamentos budistas presentes tanto no sistema *Theravāda* e *Sarvāstivāda* quanto no *Mahāyāna*, e se referem aos atos hediondos de: matar o pai, matar a mãe, matar um Arhat²¹, derramar propositadamente o sangue de um Buda e causar um cisma na comunidade^{22,23}. Essas cinco ações são de retribuição imediata porque destroem ou prejudicam um campo de benfeitores (por exemplo, a mãe), ou

¹⁸ *samsāra* é o ciclo contínuo de morte e renascimento, caracterizado pelo sofrimento e pela insatisfação, resultante do karma e da ignorância (PTS Pali English Dictionary. *Samsara*. SuttaCentral. Sem Data. Disponível em: <https://suttacentral.net/define/sa%E1%B9%81s%C4%81ra?lang=en> Acesso em: 10/04/2024)

¹⁹ TSONGKHAPA, 2020, p.139.

²⁰ VASUBANDHU. *Abhidharmakośa-Bhāṣya*. The Treasury of the Abhidhamma and its (Auto) Commentary. Vol. II. Tradução Louis de La Vallée Poussin. New Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Ltd., 2012, p.1618.

²¹ *Arhat* (P. *Arahant*) Antes do Budismo era usado como título honorífico de altos funcionários (...); na ascensão do budismo aplicado popularmente a todos os ascetas. Adotado pelos budistas para aquele que atingiu o *Summum Bonum* da aspiração religiosa (*Nibbāna*). (PTS Pali English Dictionary, *Arahant*. SuttaCentral. Sem Data. Disponível em <https://suttacentral.net/define/arahant?lang=en>. Acesso em 10/04/2024)

²² TSONGKHAPA, 2020, p. 58.

²³ VASUBANDHU, 2012, p. 1452.

porque destroem ou prejudicam um campo de qualidades (por exemplo, o Buda)²⁴.

Para que essas ações resultem em retribuição imediata é necessário o cumprimento de duas condições: a preparação e a conclusão do efeito. Isto significa que, se a preparação da ação foi executada, mas o efeito não foi concluído, não há transgressão de retribuição imediata. Então, por exemplo, no caso de alguém que planeja matar a mãe, mas não conclui a ação que resulta na morte da mãe, trata-se de uma ação negativa, não virtuosa, mas que não é de retribuição imediata. Por outro lado, se a pessoa mata a própria mãe, mas não houve uma preparação para esta ação, igualmente é uma ação negativa, mas não de retribuição imediata. Vasubandhu ainda acrescenta que não há transgressão de retribuição imediata se alguém, desejando matar a mãe, mata outra pessoa ou se, desejando matar outra pessoa, alguém mata a mãe²⁰. O mesmo se aplica às outras ações.

O mestre budista Śāntideva, citando o *Tathāgata-kośa-sūtra*, afirma que a pior forma de maldade é planejar cometer as ações de retribuição imediata²⁵. Essas ações são atos hediondos, cujo amadurecimento não pode ser impedido na próxima vida. Ocorre o renascimento imediato no inferno, sendo os transgressores denominados de *anantara*, termo em sânscrito que significa: *um sem intermediário*. Sendo assim, ter um *karma* reversível significa que a pessoa não cometeu e nem induziu outras pessoas a cometer as cinco ações de retribuição imediata ^{22,26}.

O *karma* ser reversível significa que se pode impedir que ele produza frutos no futuro. O Mestre Śāntideva nos alerta que os momentos de raiva consomem imensuráveis ações de bondade²⁷. Ou seja, as boas ações não irão produzir frutos no futuro, assim como sementes que são levadas ao fogo, não germinam. O mesmo é válido para ações negativas, é possível bloquear seu amadurecimento futuro. Assim, mesmo uma pessoa que pratique maldades, poderia se redimir com as ações apropriadas para não experimentar sofrimentos futuros.

²⁴ VASUBANDHU, 2012, p.1456.

²⁵ ŚĀNTIDEVA. *The Training Anthology of Śāntideva*. A translation of the Śikṣā-samuccaya. Tradução Charles Goodman. New York: Oxford University Press, 2016, p.172.

²⁶ VASUBANDHU, 2012, p.1450.

²⁷ ŚĀNTIDEVA. *Bodhisattvacaryavatara: Empenhando-se nos feitos do Bodhisattva*. Tradução: Plínio Tsai, BUDA, 2020, p.23.

O motivo pelo qual o matricídio e o parricídio são transgressões com retribuição imediata é porque “destroem um benfeitor (em sânscrito: *upakāra*)” sendo que mãe e pai são considerados benfeitores porque geraram o filho²⁸. O assassinato de um ser perfeito (*arhat*), ferir propositadamente um Buda e causar uma divisão na comunidade são transgressões de retribuição imediata porque o *Arhat*, o Buda e a *Samgha* são campos de qualidades²⁹.

Por último, a transgressão de causar um cisma na comunidade (*samgha*) refere-se ao “discurso falso por meio do qual a *Samgha* se torna dividida. A retribuição dessa transgressão é queimar no grande inferno de *Avīci* por um *kalpa* intermediário”^{29,30}. Vasubandhu explica que a comunidade se divide quando aceita outro Mestre, que não o Tathāgata, e outro caminho, que não o Caminho Nobre ensinado pelo Tathāgata³¹. Na história do budismo indiano é bem conhecido o caso de Devadatta, um primo e rival do Buda, que é visto na tradição como a personificação do mal, por tentar matar o Buda e por dividir a *samgha*³². Ele formulou sua própria estrutura de ensinamentos e de código moral, levando consigo quinhentos monges e tentou matar o Buda de várias maneiras³³. Após sua morte, é dito que ele teria renascido no inferno de *Avīci*, onde deveria permanecer por cem mil kalpas. Entretanto, sua última declaração teria sido não ter outro refúgio além do Buda; por este motivo, ao final de seu tormento no inferno, ele renascerá como o *Pratyekabuddha Atthissara*^{32,34}.

²⁸ VASUBANDHU, 2012, p.1457.

²⁹ VASUBANDHU, 2012, p.1459.

³⁰ *Kalpa*, ou “eon” é uma unidade de medida do tempo cosmológico. Existem vários tipos de kalpas; um kalpa intermediário geralmente é sinônimo de kalpa genérico. Um “grande kalpa” é composto de oitenta kalpas intermediários, e é o mais longo dos kalpas e, no ciclo de criação e dissolução do universo, um grande kalpa é dividido em quatro períodos de vinte kalpas intermediários (Buswell Jr.; Lopez Jr., 2014, p.409)

³¹ VASUBANDHU, 2012, p.1454.

³² BUSWELL Jr.; LOPEZ Jr., 2014, p.234

³³ TSAI, Plínio Marcos. *Meditações: A vida do Buddha*. Valinhos: ATG, 2019, p.353-355.

³⁴ Um *Pratyekabuddha* (*Paccekabuddha*) Nome dado a quem é iluminado sem estabelecer uma religião. (Dictionary of Pali Proper Names, *Paccekabuddha*, SuttaCentral. Sem Data. Disponível em <https://suttacentral.net/define/paccekabuddha?lang=en>. Acesso em 10/04/2024)

Entre todas as transgressões de retribuição imediata, o discurso falso para causar cisma na comunidade é considerado a transgressão mais séria. Segundo Vasubandhu³⁵, isto é assim porque essa ação “fere o corpo doutrinário dos Tathāgatas e cria obstáculos à felicidade temporária e à libertação dos seres”. Na sequência de gravidade, a segunda ação mais grave é ferir o corpo de um Buddha com intenção maligna, a terceira é matar um ser perfeito, a quarta é matar a mãe e a última é matar o pai³⁵.

Além disso, há cinco crimes secundários que são similares aos cinco de retribuição imediata e que, igualmente, levam a renascimento no inferno. São eles: cometer incesto com a mãe, se ela é uma *arhat* (similar a matricídio); assassinar um *bodhisattva* (similar a parricídio); assassinar um ser nobre no caminho da meditação *Hināyāna* (similar a matar um *Arhat*); roubar os recursos da comunidade (similar a causar cisma) e com ódio, destruir um mosteiro ou uma *stūpa* (similar a ferir o corpo de um Buda com intenção maligna)^{36,37}.

Tendo conhecido sobre a questão social do estupro e o que são as ações de retribuição imediata, podemos agora comentar sobre a revolução que o Buda proporcionou em sua comunidade, ao equiparar as ações de retribuição imediata ao crime de estuprar uma monja.

3. Equiparando o estupro a uma ação imperdoável

O Campeyyakkhandhaka, em seu tópico 6, apresenta uma discussão sobre as duas formas de ser mandado embora (da comunidade). Na introdução a esse tópico é dito que existem dois tipos de afastamento. Se a *Samgha* afasta alguém que não possui as características necessárias para ser afastado, o afastamento pode ser bem-sucedido ou falhar. Quando falha? Falha se o monge é puro e sem ofensas. Quando tem sucesso? Tem sucesso se o monge é ignorante, incompetente, frequentemente comete ofensas, não tem limites e se socializa inadequadamente com os leigos. Da mesma forma, existem dois tipos de admissão. Se a *Samgha* admite alguém que não possui as características necessárias para ser admitido, a admissão pode ser bem-sucedida ou falhar³⁸.

³⁵ VASUBANDHU, 2012, p.1460.

³⁶ TSONGKHAPA, 2020, p. 104.

³⁷ VASUBANDHU, 2012, p.1462.

³⁸ CAMPEYYAKKHANDHAKA. Tradução Bhikkhu Brahmalī. SuttaCentral, 2021, s.p. Disponível em: <https://suttacentral.net/pli-tv->

Quando falha? Um *paṇḍaka*³⁹ não tem os atributos necessários para ser admitido, e se a *Samgha* o admite, sua admissão falha. Um falso monge, aquele que já foi deixado para se juntar aos monges de outra religião, um animal, um matricida, um patrícia, um assassino de um aperfeiçoado, um que estuprou uma monja, um que causou um cisma na *Samgha*, um que fez o Buda sangrar, ou um hermafrodita não tem os atributos necessários para ser admitido, e se a *Samgha* o admite, sua admissão falha.⁴⁰ (Campeyyakkhandhaka, 2021, tradução nossa).

Temos aqui uma estrutura dos que não devem ser admitidos. Os primeiros, o *pandaka* e o falso monge, se relacionam com a manutenção da ordem social. O *vinaya* coloca obstáculos à ordenação de pessoas que causam esses problemas, não apenas pela possibilidade de essas pessoas causarem problemas para a própria comunidade, mas, principalmente, porque há uma intrínseca relação entre os leigos, que são responsáveis pela manutenção da comunidade, e a comunidade de monges e monjas. Quando a comunidade de leigos percebe a comunidade monástica como um refúgio a malfeitores ela para de dar suporte, comprometendo a sustentabilidade da *saṃgha*.

Outro ponto é que somente seres humanos podem adentrar ao monasticismo budista, portanto não se podem ordenar animais ou seres mitológicos. Também não é permitida a ordenação de hermafroditas, porque o Código Vinaya exige que as comunidades sejam separadas por sexo e um hermafrodita não seria adequadamente alojado em nenhum das comunidades (masculina ou feminina) porque ele pertenceria a ambas.

Por fim, resta um conjunto de normas que seguem a ordem das ações de retribuição imediata, tais como matricídio, parricídio e, aqui

kd9/en/brahmali?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin. Acesso em: 10/04/2024.

³⁹ *Pandaka*, Lit: aquele que coabita com ladrões.

⁴⁰ When does it fail? A *paṇḍaka* doesn't have the attributes needed to be admitted, and if the *Sangha* admits him, his admittance fails. A fake monk, one who's previously left to join the monastics of another religion, an animal, a matricide, a patricide, a murderer of a perfected one, one who's raped a nun, one who's caused a schism in the *Sangha*, one who's caused the Buddha to bleed, or a hermaphrodite doesn't have the attributes needed to be admitted, and if the *Sangha* admits him, his admittance fails.

a inovação, o estupro de uma monja. Entende-se aqui que não ocorre uma equiparação à ação de retribuição imediata no sentido de que a pessoa está condenada ao renascimento no pior dos infernos na próxima vida, mas que naquela presente vida ela não poderá adentrar ao monasticismo. Não há perdão para as pessoas que cometem este tipo de ação.

Note-se que há exemplos de psicopatas adentrando a comunidade monástica, sendo perdoados e alcançando os mais elevados graus de desenvolvimento espiritual; é o caso, por exemplo, do bandido Āṅgulimāla, que tendo matado 99 pessoas decide matar o Buda e é convertido⁴¹. Observamos aqui que este terrível assassino não chega a cometer a ação de retribuição imediata, porque ele tem o desejo de matar o Buda, mas não consegue colocar seu plano em prática; ao contrário, se converte e é aceito na comunidade. Aquele que estupra uma monja não é perdoado e não pode adentrar ao caminho.

O caminho monástico é considerado o ideal para alcançar a plena iluminação no budismo, pois proporciona um ambiente dedicado à prática contínua e disciplinada do *Dharma*. A vida monástica oferece a estrutura e o suporte necessários para a meditação, o estudo das escrituras e a observância dos preceitos. Isolados das distrações do mundo laico, os monges e monjas podem focar totalmente em seu desenvolvimento espiritual, cultivando virtudes como a compaixão, a sabedoria e a equanimidade. A *Samgha*, ou comunidade monástica, funciona como um refúgio e um ambiente ideal, livre das preocupações mundanas, onde os praticantes podem se ajudar mutuamente em seu caminho para a libertação do ciclo de *samsāra*. A dedicação a esse estilo de vida austero e disciplinado é vista como a maneira mais eficaz de superar os desejos e as delusões que mantêm os seres presos ao sofrimento. Portanto, o código *Vinaya*, que regula a vida monástica, é rigoroso em suas diretrizes para garantir que apenas aqueles verdadeiramente comprometidos e aptos a seguir esse caminho sejam admitidos, mantendo a integridade e a eficácia da comunidade monástica como veículo para a iluminação.

⁴¹ ĀṅGULIMĀLASUTTA. Tradução Bhikkhu Sujato. SuttaCentral, 2018, s.p. Disponível em: <https://suttacentral.net/mn86/en/sujato?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em: 10/04/2024.

A inclusão do crime de estupro de monjas no mesmo nível das ações de retribuição imediata, como matricídio e parricídio, demonstra a gravidade com que o budismo trata essa violação. Essas ações são consideradas tão graves que resultam em consequências severas e imediatas, refletindo a profunda infração que representam contra os preceitos budistas e a moralidade. O estupro de uma monja, em particular, não é apenas um crime contra a pessoa, mas também uma profanação da pureza da comunidade monástica. Ao colocar o estupro junto a esses crimes hediondos, o budismo sublinha que tal ato é absolutamente incompatível com o caminho espiritual e a ética budista. Ao contrário de outros crimes que podem ser perdoados mediante arrependimento e reabilitação, o estupro de uma monja resulta em uma exclusão definitiva do caminho monástico. Essa postura firme enfatiza a proteção e o respeito que devem ser assegurados aos membros da *Samgha*, especialmente às monjas, e ressalta a seriedade com que o budismo aborda a violação sexual, refletindo seu compromisso com a dignidade e a segurança de todos os seres.

Conclusão

A análise das ações de retribuição imediata no budismo e a inclusão do estupro de uma monja sendo equiparada ao conjunto de transgressões gravíssimas revelam a profunda seriedade com que essa violação é tratada na doutrina budista. Ao colocar o estupro ao lado de crimes como matricídio e parricídio, o budismo destaca a gravidade desse ato não apenas como uma violência contra a pessoa, mas também como uma profanação da pureza e integridade da comunidade monástica. Essa postura firme e intransigente reflete um compromisso claro com a proteção das mulheres e a manutenção de um ambiente seguro e respeitoso dentro da *Samgha*. Ao excluir permanentemente os perpetradores desse tipo de crime do caminho monástico, o budismo não apenas condena a violência sexual, mas também promove uma revolução nos direitos das mulheres, afirmando a inviolabilidade de seus corpos e a necessidade de um respeito absoluto à sua dignidade. Essa abordagem sublinha a importância de um código ético rigoroso e a responsabilidade coletiva em criar uma sociedade mais justa e compassiva, onde a violência de gênero é inaceitável e a proteção dos vulneráveis é uma prioridade.

Referências

ĀṄGULIMĀLASUTTA. Tradução Bhikkhu Sujato. SuttaCentral, 2018. Disponível em:

<https://suttacentral.net/mn86/en/sujato?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em: 10/04/2024.

BUSWELL, Robert E.; LOPEZ, Donald S. *The Princeton Dictionary of Buddhism*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172.

CAMPEYYAKKHANDHAKA. Tradução Bhikkhu Brahmalī. SuttaCentral, 2021. Disponível em: <https://suttacentral.net/pli-tv-kd9/en/brahmali?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em: 10/04/2024.

DICTIONARY OF PALI PROPER NAMES, *Paccekabuddha*, SuttaCentral. Sem Data. Disponível em <https://suttacentral.net/define/paccekabuddha?lang=en>. Acesso em 10/04/2024

EKAGĀMANTARA. Tradução Bhikkhu Brahmalī. SuttaCentral, 2021. Disponível em: <https://suttacentral.net/pli-tv-bi-vb-ss3/en/brahmali?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em: 10/04/2024.

FRANÇA, Nirvana. *Sofrimento, origem, cessação e caminho: uma análise do dhammacakkapavatanasutta*. Valinhos. Associação Buddha-Dharma. 2024

MANUSMṚTI. Tradução George Buhler. Sacred Books of The East. Palitext Society, 1886. Disponível em: <https://dokumen.pub/qdownload/manusmriti-the-laws-of-manu-english.html>. Acesso em: 10/04/2024.

PTS Pali English Dictionary, *Arahant*. SuttaCentral. Sem Data. Disponível em <https://suttacentral.net/define/arahant?lang=en>. Acesso em 10/04/2024

PTS Pali English Dictionary. *Samsara* SuttaCentral. Sem Data. Disponível em:

<https://suttacentral.net/define/sa%E1%B9%81s%C4%81ra?lang=en>
Acesso em: 10/04/2024

ŚĀNTIDEVA. *The Training Anthology of Śāntideva*. A translation of the Śikṣā-samuccaya. Tradução Charles Goodman. New York: Oxford University Press, 2016.

ŚĀNTIDEVA. *Bodhisattvacaryavatara: Empenhando-se nos feitos do Bodhisattva*. Tradução: Plínio Tsai, BUDA, 2020.

TSAI, Plínio Marcos. *Meditações: A vida do Buddha*. Valinhos: ATG, 2019.

TSONGKHAPA, Lobsang Drakpa. *Lamrim Chenmo Vol. II*. Tradução Plínio Marcos Tsai. Valinhos: BUDA, 2020.

VASUBANDHU. *Abhidharmakośa-Bhāṣya*. The Treasury of the Abhidhamma and its (Auto) Commentary. Vol. II. Tradução Louis de La Vallée Poussin. New Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Ltd., 2012.

WHISNANT, Rebecca. *Feminist Perspectives on Rape*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford, 2009. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-rape/>. Acesso em: 10/04/2024